

ROTEIRO DeLeitura versão completa**O Reino Encantado**

Guido Visconti

Tradução de Alice Mesquita

*Capa e ilustrações: Maria Battaglia**Formato: 23x28**Nº de páginas: 28*

Indicação: 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental

A leitura do conto

A história narrada neste livro, O reino encantado, é simples e singela, de fácil compreensão, porém também repleta de símbolos que permitem uma viagem pelo mundo da imaginação. De estrutura enxuta, com quatro personagens representativos de funções específicas e precisas dentro do contexto, faz-se um enredo que permite múltiplas leituras.

Um rei, uma princesa (a filha do rei), um conselheiro e um artista (pintor) protagonizam a história que transforma um reino árido num lugar encantador. Um desejo que se faz desenho, um desenho que se materializa, uma natureza que, desperta por meios mágicos, transforma a triste realidade.

Muito a se trabalhar num livro aparentemente simples, que aqui analisamos sempre como uma das muitas possibilidades de leitura. Antes, há que se conhecer a história.

Sinopse:

As terras do Rei Guilherme eram um deserto castigado pelo sol e o Rei se perguntava qual magia o transformara assim. Não fora magia, dizia seu conselheiro. O motivo havia sido o corte de muitas árvores para a construção de castelos. Assim desapareceram os pássaros, depois cessaram as chuvas, e naquelas terras nada mais brotou. Ninguém sabia como mudar tal cenário, até que, um dia, um mercador levou ao reino um tapete cujo bordado mostrava uma árvore cercada por



muitos pássaros. Miranda, a filha do Rei, encantada com o desenho e vendo a tristeza do pai, teve a idéia de pedir que Manlio, o grande pintor do reino, desenhasse alguns pássaros na parede. Num toque de magia, os pássaros saíram da pintura e sobrevoam o reino. Manlio então pintou nuvens que também saíram pelas janelas e se transformaram em chuva. A terra umede cida começou a brotar, a Natureza se fez pulsante e viva. Rei Guilherme recuperou seu reino, agora sim encantado.

Ficção e realidade – repertórios:

Sabe-se que as narrativas são caminhos que se abrem para a compreensão do mundo real. Nossa memória sempre está associada a pessoas e histórias que nos chegaram sob a forma de narrativas que nos apresentaram o mundo, com todas as suas múltiplas faces, gerando surpresas, medos, deslumbramentos e sonhos.

A leitura, bem como a escrita, são produções da experiência humana que a história social promoveu e, na aprendizagem, importantes meios de transmissão cultural. Ler ou “ouvir histórias consiste em um recurso de familiarização com a estrutura do relato que organiza o pensamento e propicia uma melhor recepção dos textos lidos.” A cumplicidade com o texto aproxima vozes, imaginários, apreensões, dúvidas e perguntas.

É fácil se deixar levar pela magia de histórias que conduzem ao reino dos príncipes e princesas, fadas e bruxas, transmitidas de geração para geração. O envolvimento do ouvinte/leitor se dá quase que instantaneamente e a compreensão do conteúdo, na maior parte das vezes, acontece de forma natural, pelo simples fato de abordarem questões humanas.

Contadas e recontadas, histórias de caráter mágico nos ajudam a compreender o mundo, sem que isso signifique não identificar o que é ficção ou realidade. E, ao fazer isso, integram nossas vidas pessoais, nosso modo de ser e nosso repertório de conhecimentos, situando-nos – pela similaridade ou contraste - no nosso devido tempo, lugar e contexto.

Personagens:

Rei, princesa, pintor e conselheiro. Qual deles o herói da história?

Segundo Von Franz, geralmente, a figura do velho Rei simboliza o comportamento arraigado das pessoas inflexíveis. Ele não permite que a “sucessão do rei” ocorra facilmente, processo que também acontece com a sociedade, quando ideias novas dificilmente são aceitas, especialmente se revolucionam a ordem. No caso do Rei Guilherme, porém, há uma rigidez, mas ele não é propriamente inflexível. Rigidez porque embora não ignore o problema – seu reino transformou-se num lugar árido e sem vida -, também não o soluciona. Na constatação, reconhece que o reino mudou, sofre com isso, mas não vê outra saída senão ouvir seu Conselheiro que, no caso, usando

apenas a razão (e estamos numa narrativa mágica!), jamais descobre a saída.

Quem vai atuar como protagonista transformadora é a Princesa, Miranda, que apresenta menos as características habituais de uma princesa (“promessa de um poder supremo, a primazia entre seus iguais; idealização no sentido da beleza, do amor e da juventude”), atuando muito mais como heroína.

Nos contos, o herói (heroína) é o restaurador da situação sadia, consciente. Um ego que restabelece o funcionamento normal de uma situação que está se desviando do padrão. O herói salva, liberta, renova o sentido da vida. E é Miranda, a filha do Rei, quem vai gerar a renovação.

Mas o que efetivamente muda? O que efetivamente é restaurado? Há um limite para as mudanças possíveis. Uma parte é destino, circunstância, outra parte é ação. A ação de Miranda é pedir que um Pintor, Manlio, desenhe pássaros nas paredes. Pássaros que sairão voando restabelecendo a condição anterior.

Note-se que neste conto, muito mais do que a valorização de riquezas e bens materiais – comuns nas histórias de reinos e reinados – o que se valoriza é a Natureza e o seu perfeito funcionamento. Foram os cortes inadequados de árvores que geraram a aridez do solo e, conseqüentemente, a tristeza/pobreza do reino. E bastaram apenas dois desenhos – pássaros e nuvens – para que a ordem se restabelecesse, pois a nuvem gerou a chuva, que molhou o solo, que voltou a germinar... numa reação em cadeia própria dos fenômenos naturais. Se a ação foi simples, quase mínima – um desejo, um desenho, uma arte – o resultado foi mágico e transformador.

Importante observar também que, embora o vento represente sempre uma transformação, nos contos mágicos, aqui ele não assume um papel preponderante. Os pássaros voam livremente e as nuvens se movem calmamente para fora do castelo, evidenciando que a mudança se deu pela vontade da heroína, e pela mão de um artista, como a repetir um antigo provérbio oriental (“imaginar é viver”) ou a reafirmar o poder transformador da arte. Tanto é assim que também o tapete – elemento de forte conteúdo mágico – aparece aqui apenas como fonte inspiradora do desejo restaurador de Miranda.

Atividades sugeridas:

1 - Apropriação do texto

Leitura individual ou em grupo para conhecimento da narrativa.

Breve discussão sobre o sentido do texto, os efeitos causados pelo corte das árvores no reino, a transformação ocorrida.

2 – Intertextualidade

- Associar a história ao tema Preservação da Natureza.

- Leitura em voz alta do conto tibetano O quadro de pano (vide versão resumida em Anexo). O professor deve ler o conto para a classe, adaptando-o de acordo com o nível dos alunos, enriquecendo-o com pormenores ou simplificando-o, destacando, após a leitura, alguns elementos comuns.

O que vem desenhado nos tapetes de uma e de outra história?

O que acontece com os tapetes?

O que faz o vento?

O que muda nas paisagens?

Note-se que, diferente de “O reino encantado”, no conto tibetano o tapete exerce papel preponderante, assim como o vento que, com sua força, “espalha” toda a beleza contida no tapete para a paisagem real. É o vento que exerce a ação transformadora, muito embora exista latente também um desejo de todos (filho, mãe, vizinhos) por uma transformação da realidade.

3 – Compreensão/formação de repertório

Deixar que os alunos falem sobre as duas histórias, destacando pontos comuns, diferenças, verbalizando suas preferências, opiniões e sensações.

4 – Expressão artística

Desenho. Tema: Tapete Mágico. Objetivo/questão: O que você colocaria num tapete que pudesse, com o vento, enfeitar uma paisagem?

Bibliografia:

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

CORSO, Diana Lichtenstein e Mário. Fadas no Divã. Porto Alegre: Artmed Editora, 2006.

PRIETO, Heloisa. Quer ouvir uma história? – Lendas e Mitos no Mundo da Criança: Ed. Angra, 1999.

PROPP, Vladimir I. Morfologia do conto maravilhoso. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1984.

VON FRANZ, Marie-Louise. A interpretação dos contos de fada. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.

YUNES, Eliana. Pensar a Leitura: Complexidade. São Paulo: Edições Loyola, 2002.



DeLeitura

DeLeitura é um selo da Editora Aquariana

ROTEIRO Deleitura elaborado pela socióloga e escritora *Sonia Salerno Forjaz*; Bacharel em Ciências Sociais pela FFLCH/USP; Licenciada pela FE/USP; Especialista em Português, Língua e Literatura pela UMESP; autora de literatura infantojuvenil.